
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

MARCAS DO TEMPO NA POESIA DE NUNO JÚDICE

Ivana Teixeira Figueiredo Gund¹ (UNEB)

RESUMO: O tempo é um elemento que revela bem mais que marcações cronológicas. Considerado em seu aspecto fugidio, ele é associado à inconstância própria do movimento da vida e da literatura. Diante disso, este estudo analisa a presença do tempo em cinco poemas do livro *Meditação sobre ruínas* (1999), de Nuno Júdice. Para tanto, toma as reflexões de Martelo (2010), Benjamin (1989), Marques (2006), Friedrich (1978) e Agamben (2006). Nos desdobramentos de sentido do tema, a relação do poeta com a tradição literária é marcada por um passado relido como tempo mítico, legado cultural ou elemento do próprio presente. Na poética de Júdice há uma consciência dos processos dinâmicos que constituem a vida e a escrita. Nesse sentido, o poeta percebe o momento histórico – a contemporaneidade – ao compreender as relações com a tradição herdada, com os seus pares e com os novos percursos literários que, fatalmente, irão se impor. Em outros termos, o tempo na sua poesia se situa entre o legado e um porvir, se não apocalíptico, pelo menos conturbado. .

PALAVRAS-CHAVE: poesia portuguesa; tempo; tradição; contemporaneidade.

O tempo é um elemento que revela bem mais que marcações cronológicas. Dentre suas possibilidades de sentido, pode ser considerado em seu aspecto fugidio associado à inconstância própria do movimento da vida, como no pensamento heraclítico, que sustenta a correlação entre o tempo, a efemeridade e a constante transformação das coisas e dos seres. Ou ainda, conforme as concepções de Agostinho (1964), pode ser compreendido por intermédio de significados modificados pela percepção humana, uma vez que as noções de presente, passado e futuro se vinculam aos conceitos de memória, intuição e esperança. Dessa forma, o tema é marcado, constantemente, por diferentes definições – entre a objetividade das horas e intangibilidade das sensações, apresentando-se mais veloz ou vagaroso conforme se vincula a um ser e às emoções sentidas por ele. Quando se trata de texto poético, essas duas abordagens sobre o tempo – variabilidade e marcas pessoais – podem se coadunar com à própria imagem dinâmica da escrita, que é espiral sempre em movimento e acréscimos. Essas

1 - ivanatfgund@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/4663492945756950>

duas perspectivas serão analisadas nos versos do poeta português contemporâneo Nuno Júdice, nos quais se verifica a interligação com os escritores e obras que o antecedem e compõem a tradição literária de seu país, bem como a inserção de um registro poético que é próprio desse escritor. A despeito da recorrência desse motivo literário em outras obras de Júdice, esse texto se interessa, sobretudo, pelo tempo que se encontra no livro de Júdice, *Meditação sobre ruínas* (1995), retomado por intermédio do caráter dinâmico da tradição literária e de sua constante renovação. Para tanto, nessa obra literária serão analisados cinco poemas: “Meditação sobre ruínas”, “A idade do ouro”, “Confissão”, “Poema natural” e “Escola”.

O livro em questão, mesmo que produzido na virada do século XX para o XXI, não apresenta o tempo sob o tom de decadência de fim de milênio. Há nele uma preocupação maior com a constatação da passagem da vida, compreendendo períodos que abarcam passados e presentes diferentes, que se desdobram em presentificação do passado e das projeções do futuro, e em tempo presente de fala e de reflexão do eu-lírico. Em relação ao tema, para João Minhoto Marques, *Meditação sobre ruínas* é uma obra que:

ocupa um lugar central o pensamento sobre o tempo – particularmente o que se diz ou se representa como passado (próximo, distante, mítico), mas também, por isso mesmo, como presente (o tempo de reflexão, da enunciação do poema, da sua possibilidade e da sua impossibilidade). Não sendo esta a única recolha poética do autor em que o trabalho acerca da temporalidade é fundamental, ela constitui-se numa das que, de forma mais desassomburada, equaciona, justamente, desde o título, a relação do poeta com o tempo. (Marques 2006: 47)

Sobre a palavra meditação presente no título, pode-se compreendê-la como sinônimo de reflexão ou ato de repensar, recordar. Marcada pela palavra ruínas, essa ação se aproxima de uma atitude própria do escavador: na tarefa de escavar se observa o lugar privilegiado dos vestígios de um passado, que pode ser recordado por suas partes significativas – as ruínas – pois elas, compreendidas como fragmentos, são partes que simbolizam, conforme Júdice, “o estilhaçar da intensidade” (Júdice 1999: 144). Esse acercamento das ações de recordar e escrever é analisado por Walter Benjamin, para quem aquele que pretende se aproximar do passado que lhe é próprio, precisa tomar para si a atitude de um escavador: voltar aos fatos, espalhar, revirar como se faz com o solo, quando se buscam indícios de épocas há muito vivenciadas ou até mesmo silenciadas, esquecidas, mas que guardam soterradas as impressões de um legado cultural. Tudo o que resulta desta tarefa de escavar, terá um novo valor, “ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador” (Benjamin 2006: 227). Ou, dito de outra forma, passa a ocupar um outro lugar, agora ressignificado por diversos sentidos ou funções. Assim, no trabalho de escavar, cabe a ressignificação do objeto – ruína, resíduo encontrado – pelo olhar daquele que perscruta o passado. Porque, como escreve T.

S. Eliot (1989), o passado não deve ser pensado apenas como passado, mas como elemento do presente, em uma existência simultânea, mesmo que a relação com ele seja sempre marcada pela diferença.

Nesse sentido, o escritor não deve ser aquele que apenas faz o inventário do passado, mas precisa ser aquele que assinala “no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho” (Benjamin 2006: 227). O escritor, então, deverá pisar com cuidado no solo de sua tradição: meditar seria, então, a possibilidade de reconhecer o diálogo com seus antecessores e refletir sobre sua própria condição de escritor. É dessa forma que se estabelece o retorno à tradição nos poemas de Júdice, já que eles compreendem o tempo em uma totalidade que abarca o passado e a relação do escritor contemporâneo com os textos de sua tradição literária, entendendo também que, desse movimento incessante, surgirão outras vozes.

No poema homônimo ao título, “Meditação sobre ruínas”, o topos da meditação se apresenta de forma diferenciada da que, em geral, supõe-se ao termo. Nesse poema não há um espaço calmo como um refúgio ou *locus amoenus* para onde se dirige aquele que deseja refletir. Não há também um afastamento ou isolamento do ser nem mesmo uma ideia de tranquilidade ou tempo suspenso. No poema, o eu-lírico contempla um mundo composto por imagens de objetos esquecidos, quebrados, desgastados, que, todavia, não o impedem de tecer suas ponderações. Para isso, observa cenas que “ocultam um passado”:

Desembarcou numa sala sem dourados nem cadeiras:
madeiras velhas, jarras com as flores de plástico, janelas de
vidros partidos para a auto-estrada. Nem vento,
nem mar: só o ruído dos carros entrava pelas fendas
para ecoar no tecto (madeiras à vista entre os restos
de estuque). Depois, na rua, pendurou-se nos ferros podres
de antigas varandas. Percebia-se, por entre os arbustos
que invadiam tudo, uma vista que teria sido digna
de um quadro romântico. O vale coberto de casas, e
os montes invadidos por ferro-velho, ocultam um passado
de rebanhos e pastores. Mas talvez não se tenha ouvido aqui
a música da flauta. Com efeito, esta casa limita-se
a guardar antigos silêncios, que o uso transformou em manchas
sépia na memória. Agora, confundem-se com a cor das paredes;
e só abrigam tocas de répteis, que apenas se adivinham,
no inverno, escondidos do universo. Mas alguém passou por aqui,
há pouco; e um monte de madeira fumega, ainda, enquanto
o sol avança a partir do nascente, onde as cores frias
da madrugada não se dissipam, nem pássaro algum saúda
o nascer do dia. (127)²

² Nota Bene: os poemas serão citados a partir de Júdice 1999, com o número da página.

A etimologia da palavra meditação sugere ponderar, pensar sobre algo. Pela observação da materialidade dos restos de um passado – “madeiras velhas”, “ferros podres”, “vidros partidos”, “restos de estuque” – pode-se tentar desvendá-lo como fazem os arqueólogos, a fim de compreender o que persiste no presente, mas que só resta em forma de ruínas. Nos versos, os objetos esquecidos ali, “numa sala sem dourados nem cadeiras”, são sinais a serem reelaborados por intermédio de novos sentidos dados por esse que os observa. Aquilo que antes se esboçava como características de um momento na tradição literária – a exemplo, descrições da paisagem e dos ambientes – acaba por marcar a diferença contemporânea e passa a ser “digna de um quadro romântico”, enfatizando que os olhares sobre um mesmo recorte ou abordagem possuem multiplicidade de variação em períodos diversos da literatura.

A casa, lugar de “antigos silêncios” – imagem da própria tradição literária – guarda uma memória desbotada, como sugere a cor sépia, de ruínas que se constituem como vestígios do que não se pode esquecer, porém, por vezes, compostas por silêncios, dentre eles, a impossibilidade de espaço para alguns discursos, uma vez que o que se consagra como literatura passa por uma seleção pautada nos valores e normas daqueles que tem o poder de distinguir o que é ou não literatura; ou ainda pelo desconhecimento de parte das obras que compõem a tradição literária de um país. Porém, é nesse lugar que se instala esse que desembarca em um cenário marcado por imagens, ao mesmo tempo, da passagem do tempo e, paradoxalmente, de sua presença de seus pares contemporâneos, esses que há pouco passaram pela casa e que, novamente, trouxeram a ela o calor do fogo, elemento que representa vida, a possibilidade de renovação, de transformação. O fogo é símbolo ambíguo: por um lado polariza a presença da vida humana e de sua inserção na cultura, o conhecimento, as paixões humanas; ao mesmo tempo, é agente de destruição e decomposição, pois depois de passar por ele, há a transformação de uma essência em algo novo ou há as cinzas e o ressurgimento de novas.

Dessa forma, o tempo em “Meditação sobre ruínas” é marcado por uma sensação de movimento incessante, assinalada na ideia de chegada ou desembarque, no caminhar pelo cenário proposto, no ruído dos carros na estrada, na visão de um monte recoberto por casas onde antes havia rebanhos e pastores, no inverno ou no nascer do dia. Tudo isso denota o fluir constante da vida, seu caráter mutável e, por isso mesmo sua imprevisibilidade. No entanto, há também o caráter perene da arte, nas flores de plástico; há um sinal das contribuições do tempo presente nos carros da autoestrada; da janela de vidros partidos, insere-se outro ponto de observação que impõe um olhar para fora da casa, para o que está ao longe: o porvir. Um fluir que não descarta o passado nem a certeza de um futuro.

Nessa concatenação de tempos tão díspares, apresenta-se uma tensão entre a tradição literária e um desejo de tornar-se parte dessa mesma tradição. Esse desejo de marcar o tempo por intermédio de uma poética particular, expressa-se na voz que se apresenta em um segundo poema, intitulado “Confissão”:

De um e outro lado do que sou,
da luz e da obscuridade,
do ouro e do pó,
ouço pedirem-me que escolha;
e deixe para trás a inquietação,
a dor,
um peso de não sei que ansiedade.

Mas levo comigo tudo
o que recuso. Sinto
colar-se-me às costas
um resto de noite;
e não sei voltar-me
para frente, onde
amanhece. (9)

A tradição literária não deve ser compreendida apenas como uma herança ou dívida auferida sem que haja esforço por parte daquele que a recebe. O acesso a ela é fruto do trabalho árduo do escritor – de leituras, de reflexões, de escrita e reescrita. Por vezes, ela pode ser um fardo ou bagagem que se cola às costas. Em outras, pode ser ponte com a qual se estabelece um diálogo com os textos predecessores – como faz Júdice com frequência em outros de seus poemas, por intermédio de citações ou evocações à referência e nomes de outros poetas.

A relação entre o antigo e o novo em uma tradição literária é analisada por T. S. Eliot, para quem, não se trata de seguir “caminhos da geração imediatamente anterior” (1989: 38). Se assim fosse, seria uma atitude de aderência aos êxitos dessa tradição. Eliot considera que “a novidade é melhor do que a repetição” (1989: 38). Para ele, é necessário compreender a tradição em uma perspectiva do sentido histórico, pois “o sentido histórico leva um homem a escrever não somente com a própria geração a que pertence seus ossos”, mas com o “sentimento de que toda literatura [...] tem uma existência simultânea” (Eliot 1989: 39). Nesse sentido, nenhum escritor tem uma significação sozinho, mas “seu significado e a apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e os artistas mortos” (Eliot 1989: 39), mesmo que seja por uma relação contrastante. Por isso, para Eliot, “não se julgará absurdo que o passado deva ser modificado pelo presente assim como o presente esteja orientado pelo passado” (1989: 40). Desse lugar é que se expressa a voz contemporânea: em sua essência de ser sucessão e, ao mesmo tempo, lugar do novo. Esta é a própria condição da poesia de Júdice. Nela, as vozes do passado ressoam mesmo que de forma dissonante ou relida.

A relação com um passado ainda mais remoto – qualificado como clássico – aparece em outro poema do livro *Meditação sobre ruínas*. Desde o título, “A idade do Ouro”, é estabelecido um diálogo com o tempo mítico dos gregos, descrito por Hesíodo *Os trabalhos e os dias* (2012). Dividido em cinco eras, esse tempo mítico compreenderia a criação do homem e etapas da existência humana. Por essa concepção clássica,

a Idade do Ouro seria o período no qual o homem teria conhecido a harmonia e a prosperidade, sem nenhuma espécie de preocupação e sendo provido em suas necessidades pelos deuses. No poema, a contrapelo do que se propôs, não se observa um tempo de abundância e de tranquilidade. O que se nota é o esforço e o labor do homem. Seus instrumentos de trabalho sulcam a terra/o texto, fazem brotar os frutos de sua produção literária. Contudo, quanto à forma, o diálogo com a tradição não se limita à recuperação de uma temática, mas retoma a estrutura da forma poética, que se organiza em quatro estrofes pensadas por intermédio da divisão clássica de etapas dialéticas – tese, antítese e síntese:

Uma curva no tempo, como num caminho,
desvia o homem da direcção antiga. De súbito,
uma paisagem diferente: casas de madeira,
a cobertura negra da ponte, o verde dos
campos. Aí, senta-se numa pedra; não sabe
onde está; nem ouve que o chamam,
do fundo, para que regresse.

Ele sabe que pode avançar,
se os olhos não fixarem
a imagem conhecida. Imóvel,
uma transformação faz com que
as coisas estranhas se tornem perceptíveis
e familiares. Assim, regressa ao rigor
que os deuses lhe roubaram
com o grito inicial.

Porém, outros homens avançam
por essa paisagem, deitando abaixo
os muros. Têm foices, enxadas, rostos
embranquecidos pela vigília. Riem
uns; e cantam, quando a terra
se abre em sulcos que sobem
os montes, descem colinas,
e se perdem na planície.

Um dia,
talvez se encontrem. (9)

Uma análise possível para esse poema parte de uma ideia de travessia, não sobre os passos antigos, mas por outra senda a ser construída em um novo e próprio caminho. Há a imagem da curva que é o lugar do desconhecido, do novo que se anunciará aos olhos se a caminhada continuar. Na curva está o mistério, a possibilidade, o re-

começo, ainda que em uma mesma estrada. Contudo, o poema recorta um instante, no qual o eu-lírico se senta e contempla o caminho, como em uma tomada de consciência do lugar ocupado pelo poeta, intelectual e partícipe de sua tradição literária. Absorto em suas meditações, o eu-lírico contempla as marcas de sua cultura, mas “sabe que pode avançar”, pois o caminho antigo não é mais a única orientação. Abre-se, assim, outro cenário, cuja presença de uma transformação do olhar dá ao que era estranho a conotação de algo reconhecível.

A poesia de Júdice, de acordo com Ricardo Marques (2012), renovou caminhos já percorridos e reinventou-se, explorando trilhos por meio de um registo poético próprio. Ou, como afirma Rosa Maria Martelo:

Nuno Júdice recupera muitos dos diálogos que a literatura foi mantendo com o indizível, valorizando, como os românticos o tinham feito, o sonho e a imaginação criadora. No entanto, numa atitude irónica, o Poeta mostra-nos as tradições com que trabalha, isto é, coloca-se depois delas; e usa-as como linguagens possíveis e como motivo de meditação. (2010: 150)

Nos versos da terceira estrofe, o eu-lírico percebe a tarefa de caminhar/escrever como atividade conjunta, porque outros também avançam pela paisagem. Há a ideia do fazer poético como trabalho que marca o terreno, abre sulcos, possibilita uma mudança. Anuncia-se a possibilidade do encontro futuro com as outras vozes, contemporâneas ou não. Dessa forma, o tempo do escritor – que é o seu presente – assinala-se, de forma aproximada, ao conceito proposto por Paul Ricouer, quando, ao analisar a concepção de tempo em Agostinho, reflete sobre a vinculação do passado, do presente e do futuro, ao que seria uma possibilidade de pensar sobre um presente ampliado que teria, nele mesmo, o que já não é, o que ainda não é e o que não permanecerá sendo: “confiando à memória o destino das coisas passadas e à expectativa o das coisas futuras, pode-se incluir memória e expectativa num presente ampliado e dialetizado” (Ricouer 2019: 23).

Essa concepção aponta para uma condição de não isolamento do poeta e recupera a noção de coletividade que entrelaça os que escrevem e que se instalam em um mesmo momento histórico ou em uma mesma tradição. Há aí uma ideia de que as mudanças correspondem à novas formas de percepção, de estética, de comportamento diante da arte literária. Mas só se constroem assim porque dialogam com as imagens antecedentes e abrem espaço para contribuições futuras. Por isso, o fazer poético relaciona o poeta, simultaneamente, à riqueza cultural recebida, aos seus pares e à concepção particular de poesia, abrindo caminhos para a continuação do movimento que é a modificação da perspectiva literária, a construção de outra e nova poética. Contudo, no poema “A idade do outro”, entre as duas poéticas – antiga e nova – pode-se perceber uma tensão: o tempo passado, de ruídos, de restos, de certas ausências, e o tempo presente, do qual se observa o humano distante de sua origem mítica da Idade do Ouro, mas que, pela proposição do poeta nos dois últimos versos, “Um dia, talvez se encontrem”. Uma proposição possível no espaço do poema, já que ele pode trazer em si a presença do que veio antes dele.

Essa persistência do tempo abarca também a argumentação da temática por meio da presença da metalinguagem, que é um recurso estilístico comum na obra de Júdice. Somente no livro *Meditação sobre ruínas*, há doze poemas com o título “Poema”, além de outros que remetem ao campo poético, como os títulos “Soneto”, “Ode” e “Rima Interna”. Entre esses poemas, é em “Poema natural” que o fazer literário pode ser pensado por uma abordagem do tempo não cronológico, de fronteiras desgastadas que se misturam entre as estações do ano e a duração do dia:

Ainda não é noite. É inverno. No entanto,
as fronteiras entre a noite e o inverno estão
em pleno meio-dia, onde chove,
de vez em quando, e os rios se empurram
para subir as margens.

Também ainda não é dia. É primavera,
porém, sem que se saiba onde acaba o dia
e começa a noite, durante essa hora
que ninguém sabe quando é, nem se é
certo que alguma vez a indicará
o ponteiro do relógio.

Não se ouve nada, entre a noite
e o inverno, entre o dia e a
primavera. Nem se vê nada
no mostrador onde o tempo
devia ter ocorrido.

Antes que a vida o gastasse. (67)

Pode-se ler nos versos acima a passagem do tempo, no movimento dos rios “que se empurram para subir as margens”, um sinal característico do decurso da vida. A vida e o rio, como no pensamento heraclítico, em sua condição perene de fluir. Há uma consciência de um tempo complexo, porque a vida é também complexa. Contudo, seu movimento é natural em cada uma de suas etapas: dia e noite, primavera e inverno, que nos versos tornam-se alusões aos momentos de dificuldades e harmonia que constituem a trajetória humana. Esse tempo, que “ainda não é noite” e “também ainda não é dia”, é o lugar de onde fala o eu-lírico: o tempo de sua enunciação. Assim, com a consciência do decurso da vida, a passagem do tempo é bem mais que a duração do dia e as estações do ano. Não é um tempo cronológico visto por meio do “ponteiro do relógio”, já que nele “não se vê nada” (67). É um tempo conturbado, no qual se constata que, se por um lado sua passagem é natural, por outro a vida não é linear. O que há de previsível nela é a certeza da morte, ao final da vida e do poema. Sem a memória do início e a consciência do tempo final – “sem que se saiba onde acaba o dia e começa a noite”, é, pois, a poesia de Júdice uma voz de seu tempo –

esse, o contemporâneo. Sobre o tempo na poesia de Júdice, observa João Minhoto Marques que:

deve ser sublinhada a forma como este está presente na escrita, como a poesia se faz de sua matéria e como, enfim, o tempo é representado, reiteradamente, enquanto figura que dissolve o mundo [...], transformando-o em matéria primariamente orgânica, num “lodo” primário e fundador. (2006: 52)

A sugestão de que as etapas da vida ensinam e, o passar do tempo, traz um refinamento do olhar com a experiência do aprender, pode ser notada no poema “Escola”. Considera-se nesse título a multiplicidade de sentidos da palavra, uma vez que esta não se refere somente ao espaço escolar, mas também a um determinado método, estilo ou sistema, bem como remete a um tempo de conhecimento, de viver e aprender sobre as coisas, misturando assim os elementos tempo e espaço – lugar físico e de fala. Das seis estrofes que compõem o poema, as três primeiras são questionamentos – aparentemente de aspecto infantil, pelo menos a princípio, porém que se tornam difusos em sua objetividade:

O que significa o rio,
a pedra, os lábios da terra
que murmuram, de manhã,
o acordar da respiração?

O que significa a medida
das margens, a cor que
desaparece das folhas no
lodo de um charco?

O dourado dos ramos na
estação seca, as gotas
de água na ponta dos
cabelos, os muros de hera? (16)

Esses versos podem ser compreendidos por meio da análise que Hugo Friedrich faz sobre a lírica do século XX. Para o teórico, tal lírica – fundada em obscuridade intencional – apresenta uma simplicidade da exposição e complexidade daquilo que é expresso, proporcionando, no contato do leitor com o texto, um “efeito de choque”. Nela, “a língua poética adquire o caráter de um experimento, do qual emergem combinações não pretendidas pelo significado, ou melhor, só então criam o significado” (Friedrich 1978: 17). Sendo assim, solicitam um leitor mais atento, capaz de ler com maior profundidade esses questionamentos sobre a vida e seu indecifrável caráter. Terá esse leitor que compreender os sentidos para os objetos, os sons, as cores, a partir de sua própria experiência, pois não há uma só resposta. Nem mesmo alguma foi dada.

Muitas vezes os poemas de Júdice apresentam um tom narrativo, construindo imagens e relatando cenas que vão se desenhando no processo de recepção do texto poético. A liberdade da métrica e a ausência de rimas são alguns desses recursos estilísticos que possibilitam à leitura uma aproximação com o contar. Essa característica da escrita poética de Júdice parece corroborar a reflexão de Ricouer, mesmo que ele se refira ao texto narrativo. Para Ricouer, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal” (2010: 91). Isso porque narrar é tarefa humana e o narrar humaniza o tempo, isto é, torna-o elemento compreendido pelo olhar humano.

A semelhança com o narrar não se apresenta de forma clara nas essas três primeiras estrofes de “Escola”. Essas destoam um pouco da predominância do estilo narrativo dos poemas judicianos, uma vez que não se sustentam em contar cenas, imagens concretas ou em experiências. Até então o tempo, no poema “Escola”, somente se marca por meio daquilo que escapa, fugidio, como o murmúrio dos lábios da terra nas manhãs, ao acordar. Ou ainda o desaparecer da cor das folhas e do dourado dos ramos, sugerindo um desgaste natural provocado pela ação do tempo. Contudo, especialmente nas três últimas estrofes, esse estilo se destaca fortemente:

A linha envolve os objectos
com a nitidez abstracta
dos dedos; traça o sentido
que a memória não guardou;

e um fio de versos e verbos
canta, no fundo do pátio,
no coro dos arbustos que
o vento confunde com crianças.

A chave das coisas está no
equivoco da idade, na
sombria abóbada dos meses,
no rosto cego das nuvens. (16-17)

Mais do que a presença dos verbos no presente, o tempo é marcado pelas coisas que parecem perder a nitidez ao longo de uma trajetória. No espaço abstrato dos versos, há um desejo de que a poesia reflita sobre o que se perdeu ou o que foi esquecido com o passar do tempo, “que a memória não guardou”, mas que, contudo, não se compreende de uma só maneira, uma vez que “a chave das coisas está / no equivoco da idade”. A percepção sobre as coisas, os fatos, a vida, vai se modificando com a idade, com o curso da vida, essa escola, que ensina, que faz aprender a partir das experiências.

A reflexão sobre o percurso da vida sustenta um caráter filosófico dos versos de Júdice. Para Martelo, isso implica dizer que a poesia desse poeta português é irônica

por “fazer com que o leitor não possa esquecer que aquilo que está a ler é poesia, e que só a poesia permitiria compreender o mundo a que assim tem acesso” (Martelo 2010: 150). Esse movimento crítico-reflexivo aponta para um sentido que não está dado nem pronto. Deve ser construído pelo leitor, por intermédio de fundamentais reflexões. Essa característica do poema pode ser comparada ao que propõe Giorgio Agamben como o legado da poética nova: ao refletir sobre a superação da tópica antiga pelos poetas provençais, o autor afirma que esta superação deu origem à poesia europeia moderna, exigindo mais do leitor. Para Agamben, há uma ligação entre poesia e filosofia, pois “[a]s experiências poética e filosófica da linguagem não estão, portanto, separadas por um abismo, como uma antiga tradição nos habituou a pensar” (2006: 102). Nessa intensa abertura de sentidos, o tempo na poesia desse poeta português não se apresenta de forma tão objetiva. Há desdobramentos que perpassam reflexões sobre o passado e seu legado, sobre o tempo no qual o poeta se situa e sobre um porvir, se não apocalíptico, pelo menos conturbado.

Nos versos de Júdice há uma consciência dos processos dinâmicos que constituem a vida e a escrita. Esse poeta se vincula a um determinado momento histórico, todavia compreende as relações com obras e autores antecessores e com o que há de vir, refletindo sobre o tempo inconcluso que é o presente. Isso parece ser mesmo a sua tarefa, efetuada em um labor árduo: o de repensar sua própria tradição literária. Por isso, é uma escrita contemplativa que adquire um caráter social e crítico, na medida em que observa um tempo de caráter coletivo e humanizado pela experiência. Em outros termos, o tempo presente em sua poesia traz em si os desdobramentos de um legado e de um porvir não apocalíptico, talvez conturbado, certamente imponderável.

OBRAS CITADAS

AGAMBEN, Giorgio. Sétima jornada. *A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar da negatividade*. Trad. de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, pp. 91-111.

AGOSTINHO, Santo. *As confissões*. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Edameris, 1964.

BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. *Rua de mão única*. Obras Escolhidas, v. 2. Trad. de Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2011, p. 239.

ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. *Ensaio*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Art, 1989. pp. 37-48.

FRIEDRICH, Hugo. Perspectivas da lírica contemporânea. *Estrutura da lírica moderna*. Trad. de Marise Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978, pp. 15-19.

JÚDICE, Nuno. *Meditações sobre ruínas*. 3. ed. Lisboa: Quetzal, 1999.

HESÍODO. *O trabalho e os dias*. Trad. Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012.

MARQUES, João Minhoto. Meditar sobre ruínas – imagens do passado na poesia de Nuno Júdice. António Manuel Ferreira & Paulo Alexandre Pereira. *Escrever a ruína*. Aveiro: Editora da Universidade de Aveiro, 2006, pp. 47-59.

MARQUES, Ricardo. 1972-2012: Um registo poético de quatro décadas. *Revista do Centro de Estudos Portugueses (Belo Horizonte)*, v. 32. n. 48, pp. 21-35, jul-dez. 2012. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6433/5446>.

MARTELO, Rosa Maria. *A forma informe: leituras de poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MARKS OF TIME IN NUNO JÚDICE'S POETRY

ABSTRACT: Time is an element that discloses much more than chronological frameworks. Considering its fleeting aspect, it is associated to the inconstancy of the movement itself of life and literature. Taking this into consideration, this study analyzes the presence of time in five poems from the book *Meditation on Ruins* (1999) by Nuno Júdice. To do so, it uses the reflections of Martelo (2010), Benjamin (1989), Marques (2006), Friedrich (1978) and Agamben (2006). In the possible senses of the theme, the relation of the poet regarding literary tradition is marked by a perceived past as a mythical time, cultural legacy or element of the present itself. In Júdice's poetry there is an awareness of the dynamic processes that constitute life and writing. In this sense, the poet notices the historical moment - contemporaneity - through the understanding of the relations with the inherited tradition, with its peers and with the new literary paths that will inevitably rise. In other words, time in his poetry lies between legacy and future, if not apocalyptic, at least troubled.

KEYWORDS: Portuguese poetry; time; tradition; contemporaneity.

Recebido em 28 de março de 2018; aprovado em 2 de dezembro de 2018.